

Aos Mestres com Carinho

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Aos Mestres com Carinho. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 100-103. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Aos Mestres com Carinho

Olha quanta África existe no Brasil! E quanto aprendemos com essas pessoas que de lá vieram. Gente que nos civilizou – pela ética e pela estética. Quem já comeu um acarajé sabe que não é apenas questão de temperos, é questão de mentalidade. Costumo dizer que os ritmos africanos são acarajés sonoros. Existe alguma coisa sonora deste país que não precise agradecer e reverenciar tal ancestralidade? E existe Brasil sem música? Da bossa nova ao baião, do frevo ao reggae, do nacionalismo ao tropicalismo e até mesmo ao serialismo, do maracatu ao samba, e haja samba – batuque, pagode, samba-de-roda, chula, partido-alto, fobó, umbigada, arrasta-pé, balança-flandre, forrobodó, fungangá e por aí vai. Mas de onde vem tanta sabedoria rítmica?

Essa crônica musical é uma homenagem ao Mestre Erenilton Bispo dos Santos, um dos mais antigos alabês da Bahia (ainda na ativa), que vive 24 horas do dia no mundo da música afro-brasileira, e que será homenageado durante o VII Mercado Cultural, no início de dezembro, pelo grupo Ilê Fun-Fun de Edvaldo Araújo, outro peso pesado do panteão rítmico baiano. Precisamos conhecer de perto essa gente. Se quase tudo que ouvimos veio, de uma forma ou de outra, desse mesmo manancial, por que não interagir diretamente com a fonte original?

O universo da música afro-brasileira é um universo cativante, cheio de vivacidade. Quem conhece o toque do Ijexá sabe do que

estou falando. O ritmo africano é filho de uma mentalidade outra – a mesma do acarajé. Longe da obsessão ocidental pela linearidade, a rítmica africana flutua em ciclos de equilíbrio e desequilíbrio, convocando o corpo a participar da fruição de uma presença, seja em mergulho de consciência alterada, ou em simples rebolados de natureza diversa. A metafísica que espere.

Os alabês são mesmo os “bam-bam-bans” da música religiosa afro-brasileira. Do alto de sua sabedoria e tendo à frente o maior dos três atabaques (o Rum), eles coordenam a execução musical das festas e solenidades, reverenciando os orixás com os toques e os cânticos apropriados. É um aprendizado de vida. Aprender um desses ritmos já é difícil, imagine aprender todo um repertório de toques e de canções? O saber de cada um deles é enorme. E não é só saber musical. É saber de vida, a música vem junto com os valores adquiridos, especialmente o respeito pela própria tradição, pelos mais velhos, pela natureza...

Erenilton é oriundo de uma das casas mais tradicionais da Bahia – o Terreiro de Oxumaré, na Vasco da Gama. Reverencia as canções e os ritmos de origem africana, ensina aos mais jovens, e agita no mundo do Carnaval. Atuou durante muitos anos como compositor e diretor nos “Filhos de Gandhi”, e agora dirige com todo carinho e dedicação o Afoxé “Filhos de Korin Efan”, que tem sede no Centro Histórico, Ladeira do Paço n. 26. Dessa forma, dignifica tanto o âmbito da tradição, como o da invenção.

Nasceu em 1943, no bairro Fazenda Garcia. Quem primeiro contribuiu para seu aprendizado foi sua mãe, Dona Simpliciana Brasília da Encarnação: “Ela era de Ogum. Esse Ogum quando chegava, cantava muito, e aí eu ficava escutando, era menino de nove anos... Eu me dediquei a aprender e aprendi algumas coisas com ele...”, recorda o Mestre.

A conversa com Erenilton corre fácil. A gente vai percebendo que é toda uma história da cidade de Salvador que vai sendo contada

em sua trajetória. Lembra que ainda criança, na hora de começar a festa no candomblé, o Juizado de Menores exigia que todos os jovens saíssem do barracão – para a mentalidade preconceituosa da época, o candomblé era contravenção, tinha que registrar em delegacia especializada. Mas Erenilton não ia ser logrado por essa turma, se escondia embaixo das saias rodadas de alguma das filhas da casa e assistia tudo dali, quietinho. E assim foi aprendendo o que sabe hoje...

E que riqueza de lembranças quando fala de seus próprios mestres: “O pessoal gostava de mim. Não podia fazer malcriação, porque se a pessoa fizesse malcriação, o mestre jogava a agente pra fora, e não ensinava nada. A gente tinha que ter a língua muito presa. Não podia falar nada. A gente tinha que aprender uma coisa aqui, e guardar”. Tinha o Manuel Alabê e o Januário, ambos do próprio Terreiro Oxumaré. Aliás, foi o finado Manuel Alabê que deu aquele empurrão necessário para o jovem investir nessa direção: “Você tem que aprender, para servir pra você e pra sua mãe”. E tinha também Alcênio, figura reverenciada ao máximo por Erenilton, que quando ouvia seu toque, pensava: “um dia ainda vou aprender a tocar esse Rum”.

Mas o jovem Erenilton foi crescendo e estabelecendo contato com outros centros de excelência em música afro-brasileira, os Terreiros da Casa Branca e do Gantois. Do primeiro lembra da importante presença do Mestre Cipriano, com quem aprendeu muitos segredos e canções, e do Ogã Antonio Manuel Bonfim. Do Gantois, casa da reverenciada Ialorixá Mãe Menininha, lembra do Mestre Vadinho-boca-de-ferramenta, professor de várias gerações de músicos, inclusive do percussionista Gabi Guedes, que transitou para o cenário da música popular, tocando hoje na banda de Jimmy Cliff.

Agora, aos sessenta e poucos anos, e já como tema de uma tese de doutorado na área de percussão, Erenilton está envolvido com a gravação de três CDs, inclusive com músicas do candomblé. Desco-

briu que precisa registrar o que sabe, deixando para as gerações mais novas.

Viva o Mestre Erenilton Bispo dos Santos, e todos os mestres populares da cultura brasileira, embaixadores culturais daquilo que fomos, daquilo que somos e, especialmente, daquilo que poderemos vir a ser.